



Núcleo de Educação do Campo e Agroecologia (ECOIA): uma construção plural e coletiva

Maysa da Mata Silveira¹, Pedro Sérgio da Silveira², Angélica da Silva Lopes³, Ramon Silva Teixeira⁴, Irene Maria Cardoso⁵, Rafael Mauri⁶, Raphael Bragança Alves Fernandes⁷, Isabela Fabiana da Silva Ladeira⁸, Guilherme Menezes Conte⁹, Tommy Flávio Cardoso Wanick Loureiro de Sousa¹⁰, Yolanda Maulaz Elteto¹¹, Flávia Alves Santos¹², Liliam Teles¹³

¹ UFV; maysa.tsb@gmail.com; ² UFV; pedro.aesm@gmail.com; ³ UFV; angelicalopes.solos@gmail.com; ⁴ UFV; ramoneps2014@gmail.com; ⁵ UFV; irene@ufv.br; ⁶ UFV; rafael.ecoar@ctazm.org.br; ⁷ UFV; raphael@ufv.br; ⁸ UFV; belaladeira1@gmail.com; ⁹ UFV; gmcpaderno@gmail.com; ¹⁰ UFV; tommy.sousa@ufv.br; ¹¹ UFV; yoly.maulaz@gmail.com; ¹² UFV; as.flavia@yahoo.com.br; ¹³ CTA-ZM; liliamtelles@gmail.com

Resumo: O movimento agroecológico da Zona Mata mineira iniciou-se, ainda como agricultura alternativa, na década de 70 a partir das críticas à Revolução Verde. Nasce a partir da articulação de estudantes e recém-formados da Universidade Federal de Viçosa (UFV), com os Sindicatos dos Trabalhadores Rurais e outras organizações articuladas às Comunidades Eclesiais de Bases, à Central Única dos Trabalhadores e aos partidos de esquerda. Fruto dessas parcerias, em 1987, tem-se a fundação do Centro de Tecnologias Alternativas da Zona da Mata, uma das organizações que hoje integram o Núcleo de Educação do Campo e Agroecologia da UFV (ECOIA). As ações realizadas propõem a construção coletiva do conhecimento, ao criar ambientes que permitam a troca de saberes acadêmicos e populares e possibilitem às populações do campo e povos tradicionais apresentarem suas conquistas e desafios. Objetiva-se aqui sistematizar as experiências e reflexões acerca das ações realizadas pelo ECOIA ao longo de sua trajetória.

Palavras-chaves: Metodologias participativas, Redes agroecológicas e Organizações Sociais.

1. Para iniciar nossa conversa: a nossa trajetória...



O Núcleo de Educação do Campo e Agroecologia da Universidade Federal de Viçosa (ECOА-UFV) é um importante espaço de articulação das organizações e sujeitos sociais que compõem a rede do movimento agroecológico e da educação do campo da Zona da Mata mineira. O Núcleo conecta e aproxima as iniciativas em curso, de modo a potencializar a construção coletiva de ações em prol da educação do campo e da agroecologia, por meio do desenvolvimento de programas e projetos de ensino, pesquisa e extensão dentro da dinâmica de um tecido social existente.

Em 2016, o ECOA foi institucionalizado a partir de sua aprovação em todas as instâncias formais necessárias na UFV, constituindo assim uma importante conquista do movimento agroecológico, garantindo maior autonomia das ações, além de fortalecimento e afirmação da agroecologia dentro de uma universidade historicamente conservadora. Tal êxito é fruto de uma caminhada histórica, iniciada há quatro décadas, resultado de um processo de acúmulo de forças, construção de grupos, entidades, projetos, articulações, formação de profissionais críticos ao paradigma modernizador do campo, e de um contexto político positivo que estimulou a formação de Núcleos de Estudos em Agroecologia (NEAs) em todo o país, a partir dos editais de pesquisa com interface em extensão, financiados por vários ministérios em parceria com o CNPq. Na UFV, tais editais contribuíram com os recursos necessários para a realização das atividades previstas nos projetos “(Аgro)Ecologia dos Saberes” (Edital CNPq/MDA/SAF N° 58/2010) e “ECOAr Práticas, Ciências e Movimentos” (Edital 81/2013 MCTI/MAPA/MDA/MEC/MPA/CNPq).

As raízes do ECOA emaranham-se às origens da agroecologia na UFV, por meio da ação de estudantes que iniciaram a formação do movimento ambientalista nesta instituição, com a fundação, em novembro de 1975, do Grupo Alfa de Estudos de Ecologia. Este grupo realizava debates, excursões, campanhas e intervenções públicas com objetivos preservacionistas que foram se transformando sob a influência do movimento contra cultural e a partir da análise de que apenas a simples denúncia não surtia efeitos. Os estudantes passaram a valorizar a alimentação natural, terapias holísticas e a vivência



comunitária. Isso motivou a construção do Restaurante Alfa de alimentação natural, em 1978, e a Comunidade Alfa da Violeira, em 1979, que possibilitaram estreitar os vínculos dos estudantes com a então chamada agricultura alternativa. A produção de alimentos para o restaurante cooperativado (ativo até 1998) e a prática dos mutirões de trabalho geraram uma série de aprendizados práticos aos estudantes.

A crítica à estrutura agrária brasileira, aos impactos da Revolução Verde e a participação nos Encontros Brasileiros de Agricultura Alternativa (EBAAs) nos anos 1980, fomentaram a fundação, em 1983, do Grupo de Agricultura Alternativa de Viçosa (GAAV), que, junto ao Centro Acadêmico de Agronomia e à Federação dos Estudantes de Agronomia do Brasil (FEAB), construíram diversas lutas e atividades. Além de debates e seminários, por mais de 20 anos o GAAV realizou práticas extensionistas e de assessoria a agricultores/as familiares, buscando atuar sob a perspectiva da comunicação freireana (FREIRE, 1983), o que os levou a se aproximarem do Departamento de Educação da UFV e de leituras educacionais críticas.

A atuação extensionista do GAAV, a experiência da Comunidade Alfa e a aproximação dos estudantes com o Projeto Tecnologias Alternativas (PTA), junto com o movimento sindical de trabalhadores rurais, vinculados às Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), Movimento Boa Nova (MOBON), à Comissão Pastoral da Terra (CPT) e à Central Única dos Trabalhadores (CUT), possibilitou a fundação do Centro de Tecnologias Alternativas da Zona da Mata (CTA-ZM), em 1987, no local onde era a Comunidade Alfa da Violeira. Deste modo, podemos afirmar que a origem da agroecologia na Zona da Mata mineira possui componentes espirituais, técnicos e políticos, os quais deram sustentação ao movimento agroecológico da região.

Nos anos 1990, os grupos de agricultura alternativa conquistam o direito ao uso de uma casa no campus da UFV, possibilitando o fortalecimento deste movimento. Em 1992, o GAAV em parceria com a FEAB e o CTA-ZM construíram o Encontro Regional de Agricultura Alternativa (ERAA).



Desde 1996 estas mesmas organizações realizam o Estágio Interdisciplinar de Vivências da Zona da Mata (EIV-ZM), permitindo aos estudantes um maior contato com a realidade agrária da região. No Brasil, esta década marcou a transição do termo Agricultura Alternativa para Agroecologia no Brasil, a partir da publicação da obra de Altieri “Agroecologia: as bases científicas da agricultura alternativa” (1989). Na UFV, esta transição repercutiu na formação dos grupos Apêti de Agroflorestas e GAO (Grupo de Agroecologia e Agricultura Orgânica) que passaram a trabalhar em áreas experimentais no campus universitário, incorporando o enfoque científico da agroecologia.

A partir dos anos 2000, o fortalecimento da agroecologia em nível nacional, com a criação da Articulação Nacional de Agroecologia (ANA) e da Associação Brasileira de Agroecologia (ABA-Agroecologia) e de maiores investimentos em políticas públicas para a agricultura familiar, para extensão universitária e abertura de editais de pesquisa em interface com extensão, repercutiram também na UFV.

O acesso a estas políticas públicas fomentou os grupos e iniciativas já existentes, bem como estimulou a construção de novos projetos. Em 2005, com a criação do Programa TEIA de Extensão Universitária (financiado pelo ProExt – Programa de Extensão Universitária, apoiado por vários Ministérios), diversos projetos e coletivos passaram a interagir e atuar de forma articulada junto às comunidades rurais e urbanas e movimentos sociais, sob uma perspectiva inter e transdisciplinar, compartilhando uma concepção metodológica de extensão baseada na construção coletiva do conhecimento (MOREIRA *et al.*, 2013).

A atuação dos grupos agroecológicos da UFV diversificou-se neste período, com a formação dos grupos Saúde Integral em Permacultura (SAUIPE), Animais para Agroecologia e Micorrizas, este último um grupo de performances em dança-teatro. Mais recentemente, novos grupos estudantis foram criados, como o Coletivo Repentistas do Desenho, que agrega ao movimento agroecológico a comunicação visual e a facilitação gráfica.



A necessidade de retomada da articulação interna dos grupos agroecológicos na UFV, e destes com outras entidades, levou à criação do Mutirão Ciranda, que desde 2008 passou a ser um espaço de convergências e construção coletiva de diversas ações entre os grupos, assim como meio de diálogo com outros coletivos, tanto em nível local como nacional, por meio da Rede de Grupos de Agroecologia do Brasil (REGA-Brasil).

Um importante fruto da articulação local da rede dos grupos agroecológicos foi a conquista da utilização da Casa 18 no campus da UFV, em 2011, rebatizada Casa da Transição, que passou a sediar o Mutirão Ciranda e suas atividades. A conquista deste espaço permitiu a construção de novas iniciativas, como a formação do Grupo Alfa de almoço vegetariano (em referência ao antigo Alfa) e a Rede Raízes da Mata, que articula consumidores e produtores em transição agroecológica. Além disto, outras iniciativas foram a fundação da Organização Cooperativa de Agroecologia (OCA), por profissionais egressos dos grupos de agroecologia e a criação da Rede Nós d'Água, que congrega diversos sujeitos para ações voltadas às tecnologias sociais para conservação/plantio de águas.

Consolidando os vínculos entre agroecologia e educação do campo, em 2014, a abertura do curso de Licenciatura em Educação do Campo na UFV, com habilitação em Ciências da Natureza e ênfase em Agroecologia (LICENA), em regime de alternância, representou uma importante conquista dos movimentos agroecológicos e populares, ao democratizar o acesso à universidade e fomentar novas práticas pedagógicas.

Todo este processo histórico¹ aqui descrito, fruto do diálogo e articulação entre sujeitos ligados à UFV, ao CTA-ZM e aos agricultores/as familiares camponeses e suas organizações, favoreceu a institucionalização do ECOA o que permite afirmar ainda mais a agroecologia enquanto ciência, movimento e prática (WEZEL *et al.*, 2009) na região da Zona da Mata mineira.

¹A Figura 1 ilustra a linha do tempo do movimento agroecológico na UFV, delineando os principais momentos e organizações que marcam sua trajetória histórica, bem como seus vínculos com o movimento agroecológico em nível nacional.



Neste resumo iremos sistematizar as experiências do núcleo ECOA-UFV com base na trajetória do movimento agroecológico na Zona Mata mineira e refletir sobre suas ações e características a partir da matriz de sistematização desenvolvida pela ABA-Agroecologia.

2. Descrição e reflexões sobre a experiência

As ações do ECOA estão dentro da perspectiva da educação do campo e da agroecologia. Diversos atores estão envolvidos nas atividades do ECOA, que se desdobram em duas áreas territoriais. A primeira é na universidade através dos grupos de agroecologia e projetos que articulam ensino-pesquisa-extensão. O Núcleo envolve atualmente os seguintes atores: CTA-ZM, LICENA, TEIA, Observatório dos Movimentos Sociais, os grupos que compõem o Mutirão Ciranda (GAO, Apêti, SAUIPE, Animais para Agroecologia, Micorrizas², e Repentistas do Desenho), a Rede Agroecológica de Prosumidores-as Raízes da Mata, a Rede Nós D'água, a Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares (ITCP-UFV), professores e servidores do Departamento de Solos e Educação.

Além desses é importante destacar a existência de outros grupos que dialogam com ações do ECOA, tais como o Núcleo de Estudos Afrobrasileiros (NEAB), Grupo de Estudos Indígenas e Povos Originários (GEIPO), o grupo de capoeira Angoleiros do Mar – Tribo do Morro, o grupo percussivo O Bloco, entre outros. Em todos estes grupos os estudantes buscam um aporte de conhecimento que não está na sala de aula. Constroem suas identidades³; são motivados pela vontade de fazer diferente e por acreditar no poder transformador de nossas ações.

² Um exemplo de interdisciplinaridade é o grupo de performances em dança-teatro Micorrizas. As micorrizas são um fungo que formam uma rede benéfica no solo. A conexão entre arte e agroecologia promovida por este grupo justifica o nome deste coletivo.

³ Para que se entenda a relação estabelecida entre os grupos, parceiros internos e externos que compõem o ECOA, conferir Figura 1.



O segundo território de atuação do ECOA é a Zona da Mata mineira⁴. O CTA-ZM é o integrante do Núcleo com um papel importante na articulação entre estes dois territórios. Uma vez que, a partir da parceria com esta ONG que se dá o desenvolvimento de muitas ações com diferentes parceiros, como as Escolas Famílias Agrícolas, as organizações dos agricultores familiares, movimentos sociais, comunidades quilombolas, remanescentes indígenas Puris e as pastorais sociais. As ações do ECOA ainda contam com a parceria da Organização Cooperativa e Agroecologia (OCA), da Empresa de Extensão Rural de Minas Gerais (EMATER), da Empresa de Pesquisa Agropecuária de Minas Gerais (EPAMIG) e de artistas e educadores populares. Nacionalmente, o núcleo está articulado com a ANA e ABA- Agroecologia (Figura 2).

Por meio de ações coletivas, construídas com os diferentes parceiros, foram criados ambientes que permitem a troca, e que são capazes de aprofundar os processos de mobilização e aprendizagens de agricultores/as familiares, comunidades e povos tradicionais, estudantes, professores/as e técnicos/as. Esses ambientes são fundamentados na ação investigativa, em que a pesquisa da realidade, a capacitação dos envolvidos e a produção do conhecimento são dimensões interligadas e inseparáveis da prática de extensão universitária. Os elementos e debates que aparecem nesses espaços geram pesquisas que buscam solucionar os problemas vivenciados, além de proporcionarem a devolução dos resultados de pesquisas realizadas. As ações se revertem em atividades realizadas como, por exemplo, os intercâmbios agroecológicos, os mutirões, as feiras Agroecológicas e da Economia Solidária, as feiras de trocas de sementes, aulas abertas, Quintas Agroecológicas, a Troca de Saberes, os Terreiros Culturais, os EIVs, as Caravanas Agroecológicas e Culturais, as Excursões pedagógicas e científicas, as oficinas e cursos diversos.

⁴ Atuação principalmente nos municípios de Divino, Espera Feliz, Araponga, Acaiaca, Caparaó, Pedra Dourada, Paula Cândido, Manhumirim, Visconde do Rio Branco, Caiana, Conceição do Ipanema, Jequiri e Sem-Peixe.



Destacam-se nesse emaranhado de ações, duas ações, quais seja: (i) a Troca de Saberes, que é um grande espaço de encontro, de diagnóstico e de intercâmbios de experiências, entre a população do campo e a universidade, realizado anualmente dentro do território acadêmico proporcionado pelo Programa TEIA e parceiros, e; (ii) os Intercâmbios Agroecológicos, as Caravanas Agroecológicas e Culturais, e os Terreiros Culturais, que são ações realizadas dentro dos territórios da população do campo. Estas ações cumprem a importante função de possibilitar o diálogo de saberes entre universidade e sociedade, dispendo de metodologias participativas que dão voz às populações do campo e lhes permitem apresentar suas conquistas e desafios. Assim, a comunidade do campo acessa o território da universidade e o público acadêmico tem possibilidade de conhecer e atuar sobre a realidade. Como disse um agricultor ao visitar o campus universitário: *“Eu não fiz vestibular mais entrei na Universidade”*.

As ações de Ensino, Pesquisa e Extensão no âmbito do movimento agroecológico da Zona da Mata têm resultado em uma série de experiências tais como implantação de Sistemas Agroflorestais (SAFs), e a criação de cooperativas de crédito, de comercialização e de serviços. Tais ações possibilitaram também a aproximação entre as comunidades do campo e acadêmica o que contribui para os processos educativos, onde os envolvidos com as ações do Núcleo tem a oportunidade de conhecer o modo de vida das pessoas e o não negar-lhes os saberes.

A partir da ida a campo, do diálogo com os agricultores e suas organizações sociais vários projetos de pesquisa foram propostos, o que resultou em um volume considerável de publicações: mais de 30 dissertações e teses e artigos em periódicos nacionais e internacionais; sendo vários destes artigos publicados nas revistas *Farming Matters* e *Agriculturas*, visando alcançar um público para além do espaço acadêmico; vários resumos e participação em eventos; mais de 10 cartilhas; cerca de 40 informativos (Nossa Roça, Nossa Tecnologia Social, Nossa Pesquisa na Roça e Nossa Cultura na Roça); vídeos, poesias; músicas, dentre outros. As cartilhas e informativos fazem parte de uma



estratégia de comunicação e devolução dos resultados de pesquisas junto às comunidades. Estes materiais tem uma linguagem de fácil compreensão de conteúdos complexos sem perder a profundidade necessária. Além de ser uma ferramenta de divulgação das experiências, permite que os agricultores reconheçam na ação do outro a sua prática, o que rompe com o isolamento. Na comunicação com os atores se utiliza ainda, mídias sociais, cartazes e esporadicamente programas de rádios que promovam o diálogo pela agroecologia.

A diversidade de comunicação mostra que a pesquisa, extensão e ensino encontram-se imbricados. Na busca por uma extensão comunicativa, é necessário produzir reflexões científicas que sejam elaboradas com os atores envolvidos, por meio de metodologias participativas, como sustenta Freire (1983).

As metodologias participativas trabalhadas nas atividades passam por um constante aprimoramento e evolução. O programa TEIA utilizou em seu início as excursões como instrumento pedagógico. As excursões do TEIA, as romarias e caminhadas do povo inspiraram a formação das Caravanas Agroecológicas e Culturais, que são amplamente utilizadas pelo movimento agroecológico desde o III Encontro Nacional de Agroecologia (III ENA) que aconteceu em 2014. Na Troca de Saberes se utiliza amplamente as Instalações Artístico Pedagógicas, metodologia inspirada nas Instalações Pedagógicas já utilizadas pela CUT em seus programas de formação. Esta metodologia também foi incorporada pelo movimento agroecológico brasileiro a partir do III ENA. Desde este encontro, nas atividades do ECOA, buscou-se ainda e, sempre que possível, incorporar a técnica da Facilitação Gráfica. Estes são exemplos de como podemos aportar os nossos jeitos de construir agroecologia ao movimento nacional e receber dele contribuições.

Outras metodologias, métodos ou técnicas utilizadas pelos atores do ECOA são: Círculos de Culturas de Paulo Freire, Caminhadas Transversais, Diagnósticos Rurais Participativos, Camponês a Camponês, *Dragon Dreaming*, Café do Mundo, Teatro do Oprimido, entre outras, e dinâmicas de



integração e reflexão, que promovem o diálogo entre o saber científico e o saber popular. O diálogo entre os envolvidos é fundamental para o aprendizado pessoal e coletivo, sendo a horizontalidade um componente essencial de todas as ações.

As referências teórico-metodológicas são oriundas de autores como Paulo Freire, Carlos Rodrigues Brandão, Oscar Jara, Tripp. Mas, nossas referências não vêm apenas dos livros. Muitas referências vêm dos movimentos sociais e sindicais e de mestres da cultura popular que socializam os conhecimentos por meio da oralidade. Na construção metodológica do Núcleo busca continuamente discutir e compreender o aprender a fazer, o aprender a aprender e o aprender a conviver a partir do cotidiano popular nos territórios. A relação interpessoal parte do princípio da escuta sensível e do aprendizado com o outro.

A autonomia e o reconhecimento das habilidades dos estudantes na construção do saber e fazer agroecológico é um aspecto metodológico importante incorporado pelo Núcleo a partir das experiências dos grupos. Com isso, o potencial criativo e inovador é valorizado e faz florescer as habilidades. O empoderamento da juventude é estratégico para o fortalecimento do movimento, tanto para formação de quadros, quanto para o presente, pois trazem a força, esperança, paixão, utopia e poder de transformação. Logo, percebemos também a importância dos processos educativos em ambientes multigeracionais, que integrem pessoas de todas as idades, como acontece em diversas atividades realizadas pelo ECOA.

No que se refere ao empoderamento das mulheres, percebemos a forte presença e protagonismo delas em vários espaços e grupos. Entretanto ainda há uma fragilidade no aprofundamento das discussões de gênero e feminismo, principalmente dentro da UFV. Estas discussões estão mais presentes nas ações do CTA-ZM através do Programa Mulheres e Agroecologia voltado para o empoderamento das agricultoras.



As ações do Núcleo, no âmbito do movimento agroecológico, propiciam um posicionamento diferente dos atores envolvidos, favorece a autoestima dos/as agricultores/as e o enfrentamento a partir da valorização da identidade. O reconhecimento da cultura do povo Puri, das comunidades quilombolas (resultado da interação com o Núcleo de Agroecologia EWÈ – da Universidade Federal de Juiz de Fora) são resultados importantes na perspectiva de que a agroecologia busca este reencontro com os povos tradicionais. Outro resultado é a concepção da cultura para além das manifestações artísticas, mas como um modo de vida, um saber-fazer que se conecta ao território. Esta compreensão ampliou o nosso entendimento de como a agroecologia e cultura se articulam. A incorporação da arte, harmonia e a beleza nas ações, assim como o elemento espiritual, cumprem uma função pedagógica de sensibilizar e comunicar com as diversidades.

Outros resultados importantes são a formação de profissionais mais preparados, que aprendem agroecologia na prática, trabalham em equipe e aprendem a dialogar com o agricultor, a partir da vivência com a realidade; o aprendizado com a sistematização e a incorporação das redes sociais como ferramenta de comunicação; e a oportunidade de conviver e conhecer o outro e de contribuir para aproximar diferentes saberes e pessoas.

Muitas de nossas ações contribuem para a proteção da biodiversidade e conservação da água e solo. Dentre estas ações estão as oficinas e os mutirões para implantação e manejo de Sistemas Agroflorestais (SAFs); a ampla disseminação, aplicação e apropriação de tecnologias sociais no manejo da água, como por exemplo, construções de fossas ecológicas e outras técnicas de plantio de água (caixa cheia, caixa seca, barraginha, terraços) nas comunidades; a denúncia dos perigos relacionados aos agrotóxicos e transgênicos e as alternativas; o resgate cultural da agrobiodiversidade, de sementes crioulas e a valorização de produtos e consumo de alimentos dos antepassados por meio de trocas de sementes e mesa de partilha. A criação e incentivo de mais espaços de comercialização, como a Rede Raízes da Mata e as feiras também contribuem para a proteção da biodiversidade, do solo e da água,



pois os agricultores têm a oportunidade de comercializar o produto de sua biodiversidade e entram em contato com consumidores que valorizam produtos de origem agroecológica.

Todas estas ações foram influenciadas por diversas políticas públicas⁵ com as quais o ECOA interage direta ou indiretamente e contribuem para a saúde, bem estar, segurança e soberania alimentar e nutricional, e ainda para o incremento da renda das famílias. Busca-se a construção constante destas políticas, além de mecanismos para melhorá-las e aperfeiçoá-las. Todas estas políticas são conquistas resultantes da luta social e no atual contexto de retrocessos, as lutas para a manutenção e ampliação das mesmas precisam ser intensificadas.

3. Diálogo com os princípios e diretrizes da Educação em Agroecologia

As ações do ECOA dialogam diretamente com os quatro princípios apontados no I Seminário de Educação em Agroecologia. No que se refere ao princípio da vida, destaca-se a Campanha Permanente contra os Agrotóxicos e pela Vida como diretriz das ações e, conseqüentemente, das atividades de formação do Núcleo. Além desse fato, entendemos que nossas ações buscam a reconexão com a natureza e com as pessoas. Diante de um contexto de globalização e desenvolvimento predatório, e crescente avanço do individualismo, fazemos a reflexão de que a natureza é o que nos liberta, e o que nos mantém, é a conexão com as pessoas e os movimentos. Imbuídos pela busca do *Bem Viver*, as ações do ECOA visam desconstruir a monocultura do saber que invisibiliza os saberes camponeses e

⁵ Dentre as políticas podemos citar: Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE); Programa Nacional de Apoio a Agricultura Familiar (PRONAF); Programa Nacional de Habitação Rural (PNHR); Biodigestor; Minha Casa, Minha Vida; Programa de Aquisição de Alimentos (PAA e PAA Institucional); ATER Agroecologia; Política Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica (PNAPO); PROEXT; Programa Institucional de Bolsas de Extensão (PIBEX- UFV); EDITAL 81/2013; Programa de Apoio à Formação Superior em Licenciatura em Educação do Campo (PROCAMPO/MEC); Programa Nacional de Incubadoras de Cooperativas Populares (PRONINC); Programa Institucional de Bolsas de Cultura e Arte Universitária (PROCULTURA-UFV) e políticas de reconhecimento das comunidades quilombolas.



dos povos tradicionais (SANTOS, 2006), além de combater práticas opressoras e geradoras de morte como o machismo, homofobia, transfobia e racismo. Os princípios da diversidade e da complexidade se manifestam na rede complexa de processos e relações, em que as ações envolvem diferentes atores – estudantes de diversas áreas do conhecimento, professores de vários departamentos, agricultores/as, quilombolas, indígenas, que mobiliza um ambiente que rompe com a disciplinaridade e propicia o reconhecimento dos diversos saberes. Todo esse ambiente gera uma série de ações, inclusive de pesquisas, consistentes e voltadas para a realidade de dentro e fora da academia. E assim, cria-se um ambiente propício para a agroecologia florescer. Entretanto, acreditamos que precisamos avançar no diálogo com o movimento negro universitário e também com os movimentos LGBT.

Ao atentar-se para uma formação holística do ser humano, as ações do Núcleo fundamentam-se pelo princípio da transformação no qual a educação em agroecologia assume um papel transformador das realidades individuais e coletivas; locais e em conexão com o global. Para isso colocamos os conhecimentos a serviço das demandas das classes populares e que têm seus direitos ameaçados e reconhecemos a importância das transições para que ocorra a transformação. Enfim, buscamos a mudança da complexa realidade brasileira de desigualdade e exploração da natureza e do ser humano.

4. Considerações finais

O conjunto de ações realizadas no âmbito do movimento agroecológico, articulado pelo Núcleo de Educação do Campo e Agroecologia da Universidade Federal de Viçosa (ECO), construiu em seus territórios de atuação uma experiência consistente de educação do campo e agroecologia com muitas conquistas. Buscamos estar em sintonia com os princípios da Transformação, da Complexidade, da Diversidade e da Vida pautados pela Agroecologia. Mas ainda temos muitos desafios, dentre eles aprofundar a discussão de gênero e ampliar as nossas parcerias dentro e fora da UFV. Além disso,



entendemos que nos territórios (inclusive no território do saber) os processos se constroem em meio a conflitos e disputas que como espadas e cercas impedem o desenvolvimento da agroecologia.

Agradecimentos

Os autores gostariam de agradecer aos Departamentos de Educação e de Solos da UFV, e ao fundamental apoio dos projetos “(Agro)Ecologia dos Saberes” (Edital CNPq/MDA/SAF nº 58/2010) e “ECOAr Práticas, Ciências e Movimentos” (Edital 81/2013 MCTI/MAPA/MDA/MEC/MPA/CNPq).

Referências

ALTIERI, Miguel. *Agroecologia: as bases científicas da agricultura alternativa*. Rio de Janeiro: PTA/FASE, 1989.

FREIRE, Paulo. *Extensão ou comunicação?* 8. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

MOREIRA, Fábio de Oliveira et al. *Programa TEIA: Tecendo a teia da Agroecologia*. 2013. Disponível em: <<http://www.agroecologiaemrede.org.br/experiencias.php?experiencia=1142>>. Acesso em 12 dez. 2015.

SANTOS, Boaventura de Souza. “Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências”. In: SANTOS, Boaventura de Souza. *Conhecimento prudente para uma vida decente: um discurso sobre as ciências revisitado*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2006, p.777-821.

SILVEIRA, Pedro Sergio da. *Pegadas agroecológicas: história e práticas educativas de grupos de agroecologia*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Viçosa, 2016.



WEZEL, A. *et al.* Agroecology as a science, a movement and a practice. A review. *Agron. Sustain. Dev.* 2009.

ANEXOS

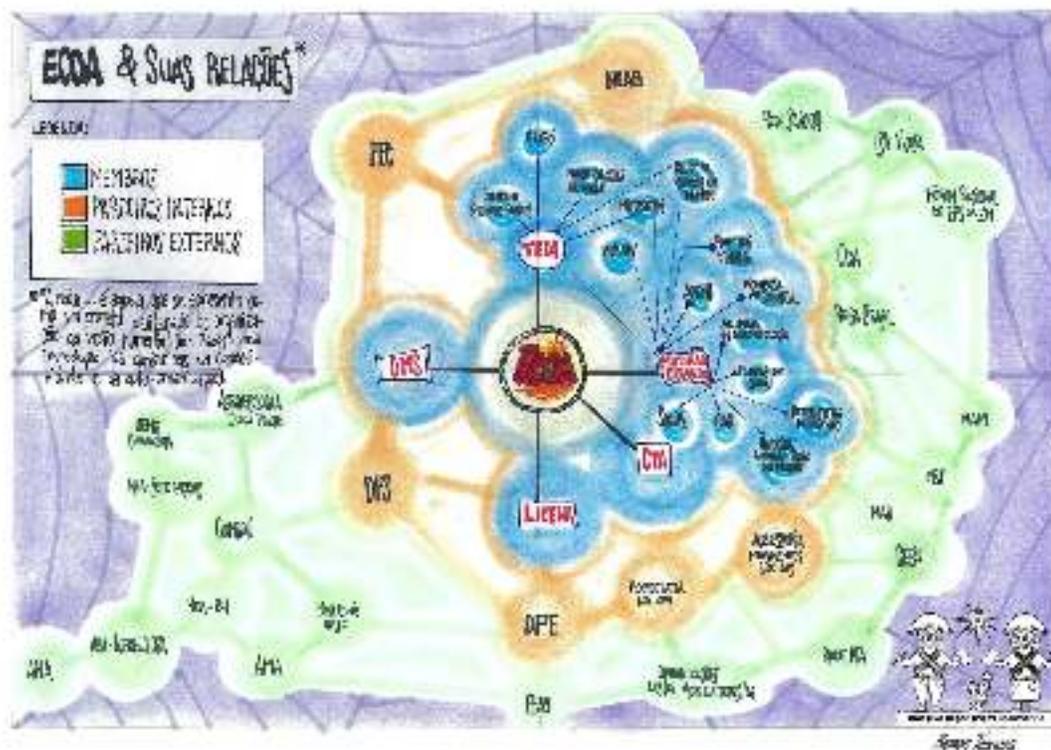


Figura 1: ECOIA e seus parceiros.



Figura 2: Principais marcos do movimento agroecológico da Universidade Federal de Viçosa. Fonte: Silveira (2016). Arte: Flávio Teodoro